



# O exílio, de Lya Luft, memória e representação

*O exílio, by Lya Luft, memory and representation*

CECIL JEANINE ALBERT ZINANI

UCS  
Caxias do Sul – Rio Grande do Sul – Brasil



**Resumo:** *O exílio*, de Lya Luft, apresenta uma narrativa que envereda pelos meandros do mundo interior da personagem-narradora, a qual mergulha no passado, na tentativa de recuperar a imagem da mãe, que se suicidara quando os filhos eram pequenos. Recuperando o passado pela memória, a protagonista desvela seu mundo, por meio do diálogo com o Anão, personagem imaginária, de sua infância. Num movimento pendular, a narradora se reporta à infância, resgatando, com a utilização de monólogo interior, fatos, sentimentos, para, em seguida, retomar o momento presente em que se encontra na Casa Vermelha. Este trabalho apresenta reflexões sobre a representação da mulher, investigando a emergência do duplo e a memória, por meio do discurso feminino.

**Palavras-chave:** Discurso feminino; Memória; Mundo interior; Duplo

**Abstract:** *O exílio*, by Lya Luft, presents a narrative that moves towards the intricacies of the inner world of the character-narrator, which delves into the past in attempts to recover the image of her mother, who had committed suicide when the children were small. Recovering the past by memory, the protagonist reveals her world, through dialogue with the Dwarf, imaginary character, from her childhood. In a pendulum movement, the narrator refers to her childhood and by using the interior monologue, she recues facts, feelings, then resume the present moment that is in the Red House. This paper presents reflections on the representation of women, investigating the emergence of the double and memory, through the female discourse.

**Keywords:** Female discourse; Memory; Interior world; Double

Contemplo a mata, que me fascina; rastejo dentro de mim num chão igual ao dela: ramos caídos, madeiras podres, silenciosos vermes, cogumelos; tudo tão longe das copas do sonho. Ou desço como quem se atira numa funda piscina e vai, em câmara lenta, nesse túnel, até onde permitem náusea e vertigem.

LYA LUFT

Lya Luft estreou como poeta em 1962, com a obra *Canções do limiar*, na qual, segundo Coelho<sup>1</sup>, “já entremostra o ‘nervo’ que iria energizar toda a sua criação poética”. Consagrada nessa modalidade literária, desponta, na década de 80 do século XX, como uma romancista extraordinária. Livros como *As parceiras*, *A asa esquerda do anjo*, *Reunião de família*, *O quarto fechado*, consagraram a escritora que se dedicou a deslindar o universo feminino, enveredando pelo labirinto de seu “eu” interior. Nesse percurso, ficcionalizou conflitos enfrentados por mulheres, explorando situações levadas ao limite das possibilidades do ser humano, que, frequentemente, provocam o seu aniquilamento. Coelho

considera os romances de Lya Luft como “um dramático inventário de perdas, que o ser humano (principalmente as mulheres) vai sofrendo, do nascimento à morte. Perdas de afeto, de ternura, de amor, as piores que os seres podem sofrer, porque são as que fazem secar, neles, as fontes da vida”.<sup>2</sup>

As personagens de suas obras são construídas de modo que o leitor – mais especialmente as leitoras – transite através de um universo em que o cotidiano se esgarça e possibilita a visualização de um mundo fantástico. As

<sup>1</sup> COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico de escritoras brasileiras*. São Paulo: Escrituras, 2002, p. 384.

<sup>2</sup> COELHO, op. cit. p. 385.

mulheres, presentes em suas obras, procuram encontrar um caminho, uma saída para a desesperança de suas vidas, numa tentativa de estabelecer a coerência no mundo caótico de sua existência. No entanto, essa busca é, no mais das vezes, infrutífera, estabelecendo a circularidade característica de um universo fechado. Ou seja, não há saída possível para a duplicidade normalidade/anormalidade que constituem traços típicos dessas personagens.

*O exílio* não poderia ser diferente. Nessa obra, a autora recupera, pela memória, um passado infeliz, que, entremeado a um presente problemático, evidencia a desesperança de um ser humano cujas perspectivas de futuro oferecem poucas alternativas. Essa obra está organizada sobre três pilares que compõem um triângulo singular: uma mulher, um anão e uma casa. Nesse contexto inusitado, desenvolve-se a tragédia da narradora, a mulher inominada, porém, detentora da palavra com a qual constrói o universo ficcional. Concorrem para o desenlace trágico o Anão, companheiro imaginário da infância que retorna com a carga de memória, como verdadeiro duplo da narradora, e a casa, denominada Casa Vermelha, muito embora o nome imponente, carrega em si toda a decadência provocada pela passagem do tempo e pelo descaso da proprietária, revelando, metonimicamente, a degradação dos hóspedes, ao configurar uma imagem de decadência atroz. Representada como uma tragédia da contemporaneidade, a obra demonstra sentimentos humanos pungentes: a solidão, a morte, o desencontro, compondo o ambiente do exílio e a circularidade da trajetória feminina, para quem o mundo não apresenta saída alguma, a não ser o próprio aniquilamento. Pretende-se, portanto, organizar algumas reflexões sobre a representação feminina em *O exílio*, considerando a tríade: mulher, casa e anão.

O gênero é um construto cuja historicidade codificada possibilita a orientação do desempenho de papéis sociais. Historicamente, dentro de uma sociedade patriarcal, o território masculino é o mundo, no qual o exercício de uma profissão lhe possibilita a conquista de um posicionamento na hierarquia social. Em contrapartida, o mundo feminino é constituído pelo reduto do lar, ocupando-se com a administração dos pequenos eventos que povoam o cotidiano e que contribuem para que se estabeleça a infraestrutura indispensável para o funcionamento adequado do conjunto familiar. Enquanto a tarefa do homem se volta para o exterior, para a conquista de novos territórios, entre eles, a escritura, reserva-se à mulher o mundo interior, repleto de ninharias. Na literatura, esse modelo é, amiudamente, repetido. As personagens femininas, dentro de uma literatura masculina, delineiam-se a partir do ponto de vista do narrador, que expressa, segundo Culler<sup>3</sup>, fantasias produzidas pela mente masculina. A construção das mesmas personagens, na literatura produzida por

mulheres, apresenta traços de subversão do modelo masculino, questionando a autoridade androcêntrica e apresentando personagens fortes, engajadas no processo de constituição da identidade, tanto pessoal quanto social, mesmo quando tematizam o mundo interior e a narrativa confessional, na medida em que desvela as paixões e as pulsões que evidenciam uma vida secreta que subjaz a um cotidiano de pretensa normalidade.

No texto de Luft, a mulher inominada, protagonista da narrativa, está morando, provisoriamente, em uma pensão, a Casa Vermelha. Nessa situação, recupera, de maneira não-linear, seu passado, tentando dimensionar o presente. No decorrer dos anos, a vida tinha-lhe infligido inúmeras perdas. A infância fora marcada pela desatenção da mãe, uma mulher muito linda, com porte de rainha, mas mergulhada no mundo fechado de seu alcoolismo, cujo epílogo é o suicídio. O pai atenuava esse desamor com carinhos, procurando desculpar o descaso materno, atribuindo à esposa uma condição especial, como se fosse uma joia rara que devesse ser muito cuidada. O irmão, Gabriel, companheiro de infância e de desventura, desenvolveu uma doença mental que, aos poucos, afastou-o do convívio familiar. Mais adiante, no internato, encontrou uma freira bondosa que se constituiu em sua mãe substituta. No entanto, essa amizade também encontrou obstáculos nos rígidos preceitos da ordem religiosa, para a qual a aproximação das freiras com as estudantes era uma atitude condenável. A transferência da freira provocou uma nova perda muito significativa. Finalmente, os anos de faculdade, a profissão e o casamento, dos quais apenas surgem ecos nas ações do marido, Marcos, que a traía sem pudor, e do filho, Lucas, com seis anos, que se negou a deixar sua casa, seu pai, seus amigos para acompanhar a mãe, e, por fim, a chegada à Casa Vermelha, onde aguarda o desenrolar dos acontecimentos e convive com um grupo muito estranho, tudo isso marca uma trajetória de vida que ruma para a desagregação e o aniquilamento.

Muito embora se refira à história, as reflexões de Beatriz Sarlo<sup>4-5</sup> sobre a memória são muito relevantes mesmo quando se trata da memória individual que busca resgatar um passado particular, íntimo. Segundo a autora, a recuperação do passado é sempre problemática porque “a memória desconfia de uma reconstituição que não coloque em seu centro os direitos da lembrança”. Ainda afirma: “O retorno do passado nem sempre é um momento libertador da lembrança, mas um advento, uma captura do presente.”<sup>6</sup> Na recuperação dessas lembranças,

<sup>3</sup> CULLER, J. *Sobre a desconstrução*: teoria e crítica do pós-estruturalismo. Trad. P. Burrowe. Rio de Janeiro: Record; Rosa dos Tempos, 1997.

<sup>4</sup> COELHO, N. N. op. cit. p. 384.

<sup>5</sup> SARLO, B. *Tempo passado*: cultura da memória e guinada subjetiva. Trad. Rosa Freire d' Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007.

<sup>6</sup> SARLO, op. cit. p. 9

no romance *O exílio*, surge a figura do Anão, antigo companheiro imaginário, que amenizava a solidão da narradora, quando criança, uma menina que ansiava pela atenção e pelo carinho de uma mãe ausente, enclausurada em seu mundo próprio. Amigos imaginários costumam povoar o universo infantil, somente são esperados nas etapas iniciais do desenvolvimento, quando predomina o pensamento mágico. Além de inaceitáveis fora desse contexto, quando surgem extemporaneamente, são indicadores de desordens psíquicas. Assim, o retorno desse ser imaginário, em plena idade adulta e num momento crucial para a narradora, evidencia uma possibilidade de estudar a personagem através do exame de um caso de duplo, como uma projeção da personalidade da narradora.

Em seus estudos sobre o duplo, Otto Rank<sup>7</sup> aponta a emergência desse tema no período do Romantismo alemão, muito embora já existisse na literatura da Antiguidade, no folclore, nas crenças e nas religiões. Discute as questões do duplo a partir da idéia de dupla personalidade, em que personagens são acoçadas por personalidades dissociadas que se apresentam das formas mais diversas. Entre os textos analisados pelo autor, encontram-se *O retrato de Dorian Gray*, de Oscar Wilde, apresentando como duplo seu retrato, pintado quando era jovem (a consciência de Gray) e, de Edgar Allan Poe, William Wilson, cujo duplo surge como um colega de escola, reaparecendo em diversas oportunidades em sua vida adulta. Essas obras, paradigmas nos estudos sobre o duplo, em certo sentido, dialogam com *O exílio*, de Lya Luft, na medida em que o desaparecimento do duplo ocasiona a morte do protagonista. Outro aspecto relevante é a permanência dessa imagem duplicada durante longo período na vida da personagem.

O duplo, para Carraté<sup>8</sup>, pode significar uma metáfora da antítese constituída pela oposição de contrários, cujo complemento se encontra no outro, resultando que

el desdoblamiento (la aparición del otro) no sería más que el reconocimiento de la própria indigencia, del vacío que experimenta el ser en el fondo de sí mismo y de la búsqueda del otro para intentar llenarlo; en otras palabras, la aparición del doble sería, en último término, la materialización del ansia de sobrevivir frente a la amenaza de la Muerte.<sup>9</sup>

Talvez, o que a protagonista mais tema não seja a morte, mas o vazio de sua própria existência, excluída que foi da relação com o filho e com a profissão e o abandono do lar.

O Anão, personificação do duplo, aparece na vida da protagonista em uma época muito conturbada, quando a vida se torna um fardo quase insuportável, arrastando-se, interminavelmente, na mesmice de um dia a dia, em

que a possibilidade de solução para o conflito se torna cada vez mais impalpável. Forma de preencher um vazio quase insuportável, o aparecimento do Anão estabelece uma relação dialógica com a protagonista.

Como o acontecimento denominado de duplo ocorre quando duas personificações de uma mesma personagem se encontram, dividindo os mesmos espaço e tempo ficcionais, ambas as encarnações podem interagir em diferentes situações. Via de regra, o relacionamento entre as diferentes manifestações é muito complicado, uma vez que um deles procura suplantar o outro. Para Carraté “Generalmente, las dos encarnaciones de una misma identidad se comportan con un enfrentamiento creciente entre ellas [...] Este enfrentamiento suele conducir a un desenlace trágico”<sup>10</sup>. Não há lugar, no mundo, para ambas as personificações, dessa maneira, explica-se que as histórias de duplos envolvem um homicídio que, na realidade, configura um suicídio.

Para o autor o duplo pode ocorrer de três formas: por fusão em que dois indivíduos diferentes rumam para uma identificação, como é o caso do já referido William Wilson, de Poe; por fissão, em que uma das personificações passa a existir, como O nariz, de Gogol; ou por metamorfose em que um indivíduo se transforma de maneira irreversível, como em *A metamorfose*, de Kafka. Explicita o autor que o duplo por fusão pode ocorrer de duas modalidades, tanto por um processo lento de identificação, quanto de uma forma imprevista, como é o caso do surgimento do Anão em um momento decisivo da vida da personagem, como uma divisão da personalidade da própria narradora. Assim como o duplo de William Wilson reaparece quando o protagonista está envolvido em problemas, devido a seu mau caráter, quando está em Eton, em Oxford ou, ainda, perambulando pela Europa, o Anão vai retornar ao convívio da protagonista quando ela já está instalada na Casa Vermelha, na cidade vizinha, depois de ter abandonado o seu lar.

A narrativa inicia, *in media res*, com o Anão exclamando: “Você está cada vez mais parecida com a Rainha Exilada”<sup>11</sup>, numa alusão à mãe da protagonista, cujo ar ausente conferia-lhe uma dimensão de irrealidade. A expressão é um indicativo da personalidade do Anão que apresenta um caráter malévolo, como ocorre, frequentemente, com os casos de duplos. Surge na infância da narradora que brincava com ele no jardim, muito embora ninguém em sua família desse importância

<sup>7</sup> RANK, O. *O duplo*. 2. ed. Trad. Mary B. Lee. Rio de Janeiro: Cooperativa, 1939, p. 7.

<sup>8</sup> CARRATÉ, J. B. Hacia una tipología del doble: el doble por fusión, por fisión y por metamorfosis. In: BARGALLÓ, J. (Ed.). *Identidad y alteridad: aproximación al tema del doble*. Sevilla: ALFAR, 1994.

<sup>9</sup> CARRATÉ, op. cit. p. 11.

<sup>10</sup> CARRATÉ, op. cit. p. 16

<sup>11</sup> LUFT, L. *O exílio*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987, p. 13.

ao caso. O Anão lhe contava histórias fantásticas que provocavam medo e prazer. Sua grande curiosidade era descobrir em que recanto escondido da casa ele morava. Esse fantasma do passado reaparece na Casa Vermelha, em um dia em que a narradora está mais triste do que de costume, em plena sala de jantar. Ao sair da sala, percebe, no chão, um ratinho morto, talvez uma das maldades do Anão.

O Anão funciona como uma espécie de superego, nessa função, pergunta sobre Gabriel, o irmão da narradora, que mora na mesma pensão e a quem ela ainda não havia visitado. A dor de ver Gabriel mergulhado em seu mundo de excrementos e imundícies é superior às forças da protagonista, por isso o constante adiamento da visita e a cobrança do Anão. Ao ouvir os queixumes sobre a falta que sente do filho, sua maior perda, retruca: “Perdeu, não. *Deixou!* – diz ele cruelmente. E sua cara é velha e má”.<sup>12</sup> Na função de duplo, o Anão retoma a outra face da personalidade da protagonista, aquele lado que ela deseja ignorar: o irmão doente, o filho abandonado, o casamento fracassado, a carreira destruída. Essa realidade é muito dolorosa e fica evidente nas feições atribuídas ao Anão. Pode ser estabelecido um paralelismo entre a narradora e o Anão e Dorian Gray e seu retrato. Assim como o retrato materializa a decadência de Gray, o Anão reflete o fracasso da vida da protagonista.

A floresta tentacular, que se estende diante da Casa Vermelha, é um enigma impenetrável. Certo dia, o Anão descobre uma entrada e convida a protagonista para acompanhá-lo. Esse passeio, conduzido pelo pequeno gnomo, equivale a um mergulho em direção a seu interior no qual a protagonista percebe a dimensão trágica de sua existência. O abandono do filho, de certa maneira, reitera a infância da narradora, e Antônio, seu grande amor, “crucificado no seu Menino”<sup>13</sup>, prenunciam o seu final. Enquanto chora, estabelece-se profunda identificação com o Anão que começa a gemer, até que ela pergunta: “Afiml, *quem é você?*”<sup>14</sup> Esse estranhamento, causado pela incerteza da identidade do Anão, trai a perplexidade da personagem diante do estranho (*unheimlich*), de algo que parecia familiar e, de repente, surge como inusitado.

O Anão era personagem familiar desde a infância, com quem a protagonista cultivava uma relação de amor e ódio. De amor relacionado às histórias fantásticas e às aventuras desafiadoras com as quais ele povoara sua infância de órfã, mesmo com a mãe viva. De ódio, por seu sarcasmo, pelas maldades que praticava, especialmente, quando chamava a atenção para aspectos dolorosos de sua vida, tais como a mãe, que ele denominava de rainha exilada. Essa prática permanece, quando lembra o irmão que jaz num quarto, aos cuidados do Enfermeiro ou o filho, sua maior perda, que opta por ficar com o pai.

O cotidiano da narradora, à medida que o tempo passa, povoa-se de alucinações, como a presença, no telhado da casa, do Anão, um dia, outro dia, é sua vizinha de quarto. Também encontra o Anão, em geral maldoso, chorando pelos corredores da Casa Vermelha, arrastando seu travesseirinho, como uma criança. Seu aparecimento, algumas vezes, é premonitório, como quando anuncia o falecimento da Freira, sua grande amiga, desde os tempos do internato. O desejo de morte da protagonista é secundado pelo desaparecimento do Anão, que morre no meio do quarto da narradora. Morreu antes mesmo de tomar as pílulas que estavam junto a seu corpo pequeno. O evento infunde profundo pânico da vida, o sentimento de solidão torna-se insustentável: “Deito-me junto dele: eu o amava. Como a um filho, ou como a um pai? Meu homenzinho, parte de mim, fruto das minhas trevas e nostalgias, companheiro de exílio”.<sup>15</sup> Nas narrativas em que o duplo é tematizado, em geral, a personagem tenta dar um fim a essa relação, nos exemplos já citados, Dorian Gray apunhala o seu retrato, e William Wilson duela com o seu duplo, ambos, ao “matarem” seus duplos acabam por se destruírem também. Em *O exílio*, a situação é diferente. O duplo pretende suicidar-se, ingerindo comprimidos, no entanto, a morte é mais rápida e o atinge antes mesmo de transformar a intenção em ação, como comprovam os comprimidos espalhados no chão, junto a seu cadáver. A morte do Anão rompe o último elo que a protagonista mantinha com a vida anterior aos acontecimentos que a conduziram à Casa Vermelha. Isso a induz a buscar uma solução final, já que a vida não teria mais sentido.

A narradora encontra-se em uma pensão decrepita, a Casa Vermelha, a qual “carrega em seu bojo roído pelo tempo, habitado de ratos e infectado de angústias, toda uma raça de exilados. Todos com sua grande nostalgia, sua insaciável sede, tentam adaptar-se como podem”<sup>16</sup>. Embora se situe em um local privilegiado, descortinando belas paisagens, próximo a uma floresta e com vista para a cidade e o mar, os sinais da decadência estão por toda a parte, nas luzes mortíferas, nos lustres cheios de poeira e teias de aranha, na pouca higiene e nos habitantes, uma verdadeira fauna exótica e inominada. O toque de vida normal é dado pelos estudantes que não moram ali, mas costumam almoçar na sala de refeições da pensão. A dona, chamada pelas empregadas incompetentes e atrapalhadas de Madame, mora na cidade e nunca aparece para ouvir as reclamações dos moradores. Os habitantes, a Moça Loira e a Moça Morena, a Mulher Manchada, a Velha, o Enfermeiro que cuida de Gabriel, irmão da narradora,

<sup>12</sup> LUFT, op. cit. p. 45.

<sup>13</sup> LUFT, op. cit. p. 162.

<sup>14</sup> LUFT, op. cit. p. 163.

<sup>15</sup> LUFT, op. cit. p. 198.

<sup>16</sup> LUFT, op. cit. p. 45.

todos eles são “náufragos que aportaram aqui Deus sabe como e de onde; e para quê”.<sup>17</sup> Tanto a proprietária ausente como os habitantes da casa contribuem para a criação de uma atmosfera de decadência e de degradação. A Casa Vermelha fora uma mansão luxuosa, com vidros trabalhados nas portas e janelas, hoje, com sua tinta lascada, vista de cidade, parece uma chaga desenhada na encosta.

Em seu quarto, com toalhas encardidas e lençóis não muito limpos, a narradora tenta, de alguma forma, dar prosseguimento a sua vida que havia sofrido uma ruptura violenta, quando abandonara, intempestivamente, sua casa e o marido que a traía continuamente, acreditando que o filho que amava profundamente, optaria por segui-la. No entanto, os laços afetivos que ligavam Lucas ao pai, forjados em uma convivência diária da qual a mãe estava ausente, foram mais poderosos, e o menino resolveu ficar com o pai, mantendo a mesma vida que levava, agora, porém, sem a mãe. De certa forma, a protagonista, sempre mergulhada em seu trabalho, reproduz a desatenção de sua própria mãe, transferindo para o filho a situação de orfandade que tinha povoado sua infância. Enquanto isso, aguarda que Antônio, seu novo e questionável amor, resolva levá-la para morar com ele. No entanto, o que deveria ser um momento transitório, torna-se uma situação que se estende indefinidamente, prolongando o mal-estar e a angústia de se arrastar um dia após o outro, em que a protagonista desfia sua infelicidade, incapaz de trabalhar, na expectativa da solução de uma situação precária tanto no aspecto físico como psicológico. Antonio teme que a protagonista, embora métrica, não consiga lidar com o problema de seu filho, um adolescente com uma vida quase vegetativa.

Nessa espera, a narradora faz um balanço de sua vida, focalizando as perdas recentes que ainda latejam: filho, marido, casa, profissão, cidade, e as antigas feridas nunca realmente cicatrizadas e que, agora, com o exercício da memória, voltam a doer com toda a intensidade: a morte da mãe, uma alcoólatra que se suicidara, a morte do pai, a doença do irmão, decretando-lhe uma quase morte em vida. O retrato, na parede, um menino e uma menina com luto fechado, pela morte da mãe, com uma expressão perplexa, denotativa do abandono a que a mãe os relegara mesmo em vida, é uma das poucas fotografias, pois, na opinião da narradora, “só as famílias alegres querem ficar registradas. Nós não tínhamos motivo”.<sup>18</sup> Ou seja, a sensação de abandono e de infelicidade não é decorrente apenas dos últimos acontecimentos, mas existe desde a infância, explicando, em parte, o surgimento do Anão, amigo imaginário, tentativa de compensar o infortúnio daquela garotinha que ansiava pela atenção e pelos

carinhos da mãe, sempre negados. A diferença entre a infelicidade da infância e a atual é que, na infância, havia perspectivas, o que, no presente, não ocorre.

A protagonista encontra-se numa situação sem saída em que tanto prosseguir quanto retornar já não é mais possível. Sem perspectivas de encaminhar sua nova vida, uma vez que a convivência com Antônio revelase inviável, devido ao sério problema de seu filho e a incapacidade emocional da protagonista para lidar com o fato; e impossibilitada de retornar ao antigo lar, uma vez que seu espaço já fora preenchido (descobre isso quando uma voz feminina atende ao telefone), a única solução viável é o aniquilamento. A morte do Anão, entendida como o desaparecimento do duplo, sinaliza o final da vida da protagonista, muito embora não tenha matado seu duplo, ao contrário das narrativas em que o herói mata seu duplo, cometendo um assassinato que encobre um suicídio.

O exílio se materializa na Casa Vermelha, onde a protagonista recupera, pela memória, uma infância infeliz, com a reconstrução da figura materna, e o resgate do duplo, o Anão. Ao ligar esse passado a um presente sem perspectivas, atando as pontas da vida, percebe que o círculo se fecha, não apresentando saída possível.

Nesta obra, como em outras da autora, o universo feminino se apresenta de forma circular: a mulher, soterrada por uma diversidade de fatores adversos, mesmo quando consegue subverter, em alguma medida, a dominação patriarcal, leva uma vida que se prefigura como um somatório de problemas sem solução, acossada por dificuldades de toda a ordem, fragilizada pelas contínuas perdas. Assim, o que resta é embrenhar-se na floresta, para que o exílio de si mesma se concretize como solução final.

## Referências

- CARRATÉ, Juan Bargalló. Hacia una tipología del *doble*: el doble por fusión, por fisión y por metamorfosis. In: BARGALLÓ, Juan (Ed.) *Identidad y alteridad*: aproximación al tema del *doble*. Sevilla: ALFAR, 1994.
- COELHO, Nelly Novaes *Dicionário crítico de escritoras brasileiras*. São Paulo: Escrituras, 2002
- CULLER, Jonathan. *Sobre a desconstrução*: teoria e crítica do pós-estruturalismo. Trad. Patrícia Burrowes. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997.
- LUFT, Lya. *O exílio*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.
- RANK, Otto. *O duplo*. Trad. Mary B. Lee. 2. ed. Rio de Janeiro: Cooperativa, 1939.
- SARLO, Beatriz. *Tempo passado*: cultura da memória e guinada subjetiva. Trad. Rosa Freire d’Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007.

<sup>17</sup> LUFT, op. cit. p. 20.

<sup>18</sup> LUFT, op. cit. p.31.